

# A *Mystica Theologia* de Sebastião Toscano

MARIA DE LOURDES SIRGADO GANHO\*

## A Vida e a Obra

Sebastião Toscano foi um Teólogo e místico português do Renascimento, foi frade agostinho. Nasceu no Porto em 1515 e faleceu em Lisboa em 1580. De origem nobre, era filho de Maria Toscana e de Tomé Gonçalves. Estudou Leis em Salamanca e Bolonha, bem como grego, latim e hebraico. Como refere Mário Martins, a propósito da sua vida e obra, gostava de citar em grego e recitava versos de Píndaro e de Homero na língua original. Ingressa em 1533 como Ermita de Santo Agostinho. Em Nápoles é nomeado regente de estudos e em 1545 é mestre de teologia. Foi um grande pregador e a sua vida considerada exemplar. Foi historiógrafo da sua Ordem Religiosa e pregador de Carlos V (de Espanha) e de D. João III. Era uma personalidade forte, defensor convicto das suas ideias. Foi eleito Provincial, na primeira vez no Capítulo de Torres Vedras, em 1572 e pela segunda vez no Capítulo de Lisboa em 1578. Quanto à obra, imprimiu em Salamanca a «sua versão espanhola das *Confissões* de Santo Agostinho – uma tradução clássica cuja leitura abalou até à raiz, a alma de Santa Teresa de Jesus. Clássica, mas propositadamente incompleta /.../ Quer dizer, verteu para castelhano a parte propriamente autobiográfica das *Confissões*»<sup>1</sup>. Esta tradução foi feita a pedido da ama de Felipe II de Espanha, D. Leonor de Mascarenhas, a quem dedicou a tradução em 1554.

---

\* Universidade Católica Portuguesa – Lisboa.

<sup>1</sup> MARTINS, Mário, *Da vida e da obra de Frei Sebastião Toscano*, «Brotéria», Lisboa, nº 62, 1956, p.47-p.55.

Na sua qualidade de pregador, pronuncia na Igreja de Santa Maria da Graça em Lisboa a *Oração fúnebre de Afonso de Albuquerque*<sup>2</sup>. Neste sermão, de estilo erudito, põe em evidência o seu claro e inequívoco portuguesismo, bem como é possível reconhecer que nos encontramos perante um pregador notável, um humanista renascentista, que cita Giovanni Pico della Mirandola, Hermes Trimesgisto, a fim de valorizar o próprio Afonso de Albuquerque: «Mercúrio, neto do grande Mercúrio, cujo avô foi Atlante, que floresce no tempo que Mousés nasceu em Egito, por ser em três cousas estremado – grão Príncipe, grão Filósofo e grande Sacerdote –, chamaram-lhe os Gregos Trismegisto, que, em nossa língua quer dizer três vezes grandíssimo. Como não chamaremos nós ao nosso grande fidalgo, grande capitão e grande governador Afonso de Albuquerque, Trismegisto, e sete vezes bem-aventurado, sendo ele em real alteza tantas vezes três e nas quatro cardeais virtudes tão estremado?»<sup>3</sup>. Aqui revela, sem sombra de dúvida, o seu saber de teólogo e professor. Nesta *Oração*, mostrar o valor moral de Afonso de Albuquerque era uma sua preocupação, de tal modo que refere: «Tinha Afonso de Albuquerque uma grande virtude cristã, que é vingar-se dos inimigos, não com injúrias, mas com honras e benefícios»<sup>4</sup>. Na referência que faz a uma das figuras maiores do humanismo renascentista, citando o seu epitáfio, a sua intenção é realçar a grandeza do português, daí a seguinte analogia: «Com este epitáfio de Pico Mirândola se pudera em alguma maneira satisfazer a história de Afonso de Albuquerque, porque este é o maior epitáfio em sua maneira e que melhor, sem nada contar, conta os louvores de Pico que se dele dissera por miúdo muitas cousas. Porventura, satisfazera eu desta maneira melhor a muitos, se dissera: Esta pompa, esta última honra e exéquias tão honradas, que celebramos, são de Afonso de Albuquerque. O mais sabe-o o Tejo, o Ganges e, porventura, os Antípodas»<sup>5</sup>. Para um melhor conhecimento e interpretação deste *Elogio* o texto de Armando de Jesus Marques é muito útil<sup>6</sup>.

Como podemos verificar, o frade agostinho, para este elogio fúnebre recorre à Graça de Deus e às fontes que sustentam a sua erudição, nomeadamente os antigos ou clássicos, mas na sua obra posterior já critica estes filósofos clássicos por serem a fonte de grandes erros.

---

<sup>2</sup> TOSCANO, Sebastião, *Oração que fez o padre frei Sebastião Toscano, em Santa Maria da Graça de Lisboa, a dezenove dias de Maio de MDLXVI, na trasladação dos ossos, da Índia a Portugal, do mui ilustre e mui excelente capitão e governador da Índia*, Lisboa, ed. Manuel João, 1566, in «Revista de História das Ideias», Coimbra, 3, 1981, p.267-p.313.

<sup>3</sup> Idem, p.299.

<sup>4</sup> Idem, p.301.

<sup>5</sup> Idem, p.307-308.

<sup>6</sup> Nesse sentido, cf. MARQUES, Armando de Jesus, *O elogio fúnebre de Afonso de Albuquerque de Frei Sebastião Toscano*, in «Revista de história das Ideias», Coimbra, 3, 1981, p.267-278.

## A *Mystica Theologia*

Em 1568, Sebastião Toscano edita a sua obra prima, em português, intitulada *Mystica Theologia* e dedica-a a D. Sebastião, como era costume da época. Esta é traduzida, em seguida, para castelhano por Gonçalo Illescas, que o considera um grande pregador e Teólogo português<sup>7</sup>. Em 1573 edita os *Commentarii in Jonam Prophetam*<sup>8</sup>. Para o ponto de vista que nos interessa, Sebastião Toscano, como homem do renascimento, notabilizou-se, sobretudo, pela redação da sua obra de carácter místico, que se constitui não só como um tratado místico, mas também como uma obra de direção espiritual, mesmo para os não místicos.

O seu tratado estabelece a diferença entre vida ativa e contemplativa, mostrando que ambas permitem aceder à perfeição, dependendo aqui de São Tomás de Aquino, embora a contemplação seja um «atalho» mais curto para ver Deus ainda nesta vida. No entanto, a vida virtuosa também permite aceder a uma perfeição espiritual. Posicionando-se, criticamente, relativamente aos filósofos que não tomam Cristo como o ponto de partida do seu filosofar, apresenta uma reflexão que se inscreve no movimento da Contra-Reforma em Portugal. Agostiniano de raiz, as suas fontes, além de alguns clássicos, são Santo Agostinho, S. Gregório, São Tomás de Aquino, e Ricardo e Hugo de São Vítor. No que diz respeito aos traços de naturalismo presentes nesta sua obra de carácter místico, eles dependem de duas fontes: dos descobrimentos, com referências constantes a este respeito, e de Hugo de São Vítor, no que concerne ao mundo natural como livro escrito pelo dedo de Deus. Se queremos caracterizar a sua mística, podemos dizer que ela é, fundamentalmente, uma mística do amor, a que se chega após o calar dos sentidos e da razão, mediante a vontade. É uma mística do afeto, suave e gostosa, que como experiência do indizível tem dificuldade em ser transposta para palavras.

Com efeito, o frade agostinho, pregador e místico do renascimento português, inicia a sua obra com uma crítica aos filósofos antigos, precisamente aqueles que retornaram como paradigmas da época clássica. Segundo o místico, esses filósofos deram origem a muitos erros. De facto, a sua crítica dirige-se à visão renascentista, perfilhada, por exemplo, por Marsilio Ficino, de uma pia filosofia ou de uma pia teologia, a qual considerava Hermes Trimegisto o primeiro elo de uma corrente que, passando por Orfeu, Pitágoras, Platão, Plotino,

---

<sup>7</sup> TOSCANO, Sebastião, *Mystica Theologia*, Lixboa, Francisco Correa Impressor, 1568 (sigla: MT).

<sup>8</sup> TOSCANO, Sebastião, *Commentarii in Jonam Prophetam*, Veneza, 1573.

vinha até aos seus dias, dando origem a uma tradição filosófica de matriz claramente neo-platónica. Esta tradição, segundo o autor, numa atitude já muito crítica, deu origem a uma falsa teologia antiga. Como se verifica, relativamente à *Oração Fúnebre* há uma mudança que, deste modo o vai colocar ao arrepio da tradição renascentista neo-platónica, que dominou a sua época, embora de conciliação com Aristóteles e de que o próprio autor foi, de qualquer modo, um dos intérpretes. Contudo, há uma intenção clara nesta sua atitude de crítica, a qual consiste em centrar a sabedoria, a filosofia e a teologia em Cristo e no cristianismo e não na antiga pseudo sabedoria do egípcio Hermes Trimegisto, ou de qualquer outro autor pagão.. Sabemos, atualmente, que esses textos atribuídos a Hermes Trimegisto,, tão importantes para o homem do renascimento, eram apócrifos, embora tenham feito história.

Nesta sua atual oposição aos pensadores que consideravam ser Hermes Trimegisto o pai da filosofia e da teologia, Sebastião Toscano refere que os «filósofos que consultamos é o Sumo Pontífice, Cristo, a escola de sabedoria católica<sup>9</sup>», que tem como intenção primordial ensinar a virtude. No seu entender, os filósofos antigos são falsos juizes e a sua sabedoria conduz à soberba e à falsidade de doutrina. Assim, o que importa salientar é o facto de Deus ter indicado, no coração do homem, o caminho para alcançar a virtude: o caminho largo da lei natural, assente na vontade natural e à qual se acrescenta o «caminho da lei divina», que conduz ao céu <sup>10</sup>.

Ora, são estes dois caminhos, um expresso mediante a lei natural humana, outro através da lei sobrenatural e divina, que são suscetíveis de conduzir qualquer homem à glória. Esta lei divina, em que para o autor, Santo Agostinho é uma referência fundamental, é que permite ao homem não errar e encaminhar-se para o que é superior e espiritual. As duas têm de ser consideradas. Aquele, porém, que tem saudade de Deus <sup>11</sup>, procura o caminho estreito e difícil, que permite ver Deus ainda nesta vida. Mas estes «atalhos» são próprios dos que vivem segundo a virtude e a que acrescentam o desapego de si, a ascese e que, por isso mesmo, na sua austeridade, tornam possível que estes atinjam a perfeição. Assim sendo, aqueles que vão pelo caminho largo praticam a misericórdia, a pobreza voluntária, aspeto que é já um endereço seguro para a perfeição humana. Mas o outro caminho, que implica a castidade, a pobreza e a obediência, permite chegar ao Reino de Deus de um modo mais esforçado e, por isso mesmo, ainda mais perfeito. Ao homem, porém, é-lhe conferida a liberdade de escolher o caminho a seguir. Mas, ressalva o autor, a perfeição está ao alcance de todos, pois

---

<sup>9</sup> MT, f. 6.

<sup>10</sup> Cf. MT, f. 16.

<sup>11</sup> MT, f. 22.

não é necessário ser-se frade, ermita ou religioso. O leigo também pode aspirar à perfeição desde que se disponha a seguir Cristo, imitando-o na humildade, mansidão, misericórdia, paciência, caridade e pureza de vida<sup>12</sup>. Ou seja, todo o homem pode ser perfeito desde que seja virtuoso.

Os religiosos, contudo, devido ao estilo de vida que escolheram, têm vantagem nesta «conquista», relativamente aos outros homens<sup>13</sup>. Mas, todos os homens, sem exceção, estão orientados para Deus. Daí a seguinte afirmação: «nosso ser é conhecer Deus»<sup>14</sup>. E, precisamente por isso, a Teologia, enquanto ciência de Deus, ou conversação com Deus, é um saber fundamental, para a vivência do próprio homem. A Teologia que defende é uma *Mística Teologia*, «de gente recolhida e devota, dada à oração e à contemplação»<sup>15</sup>. E esta consiste em sentir Deus na alma, mediante um conhecimento «alumiado», «doce», «suave» e «amoroso», difícil de ensinar mediante palavras. Esta mística teologia, que significa em grego «segredo de Deus»<sup>16</sup>, não se ensina, nem se aprende nas escolas, com fúteis argumentos ou engenhosos silogismos. Temos aqui, como podemos verificar, uma crítica à Escolástica, ainda que ligeira, e ao seu método, embora não critique e refute a teologia dos seus doutores.

Portanto, a mística teologia que defende, alcança-se, como nos diz, mediante o gosto (ela saboreia-se) e o sentimento de amor a Deus, aspeto este que implica a inspiração divina e está assente na vontade e no amor. Ela tem os seus patriarcas, profetas e apóstolos, como Madalena, São Francisco, Santa Catarina de Génova. Nestes sente-se o «gosto» de Deus. Encontramo-nos perante um caminho que conduz ao céu, em que a virtude da caridade é fundamental. E neste momento invoca Aristóteles dizendo: «o louvor da virtude está não em sabê-la mas em obrá-la»<sup>17</sup>. Os que vivem pelo espírito são, portanto, os que se conhecem pelos seus «fruytos», ou seja, pelas obras e não pelas palavras. E as obras próprias da pessoa são as obras da caridade<sup>18</sup>. Assim sendo, este itinerário de perfeição, que caracteriza a vida pessoal, implica que o homem tenha sempre presente que se deve afastar do mal, o qual é comparado a uma «porta larga da perdição»<sup>19</sup>, muito fácil de seguir, por oposição à dificuldade que consiste em praticar a virtude. Mas, para superar esta dificuldade em praticar a virtude, há

---

<sup>12</sup> Cf. MT, f. 25.

<sup>13</sup> Cf. MT, f. 26.

<sup>14</sup> MT, f. 27.

<sup>15</sup> MT, f. 28.

<sup>16</sup> MT, f. 30.

<sup>17</sup> MT, f. 33.

<sup>18</sup> Cf. MT, f. 39.

<sup>19</sup> MT, f. 40.

que ter em conta a «porta da fé». Por esta não pode entrar o filósofo, o judeu, ou o homem de outra seita, só o cristão a pode passar e só se for bom, prudente, fiel e verdadeiro<sup>20</sup>.

Há, pois, uma grande diferença entre o caminho que conduz à virtude e o que conduz ao vício. Este último é fácil, porque é fácil cair no mal, no pecado. Mas, ao mesmo tempo, e contrapolarmente, «os mandamentos de Deus não são difíceis de cumprir»<sup>21</sup>, se obtivermos a ajuda da Graça. Deste modo, o caminho da virtude, que é difícil, torna-se fácil quando a Graça intervém. E deste modo, chega-se a Deus «com as duas rodas do amor de Deus, e do próximo»<sup>22</sup>. Esta lição, segundo nos diz, já a tinha dado o grande Agostinho, o príncipe dos doutores<sup>23</sup>.

O que o autor nos pretende indicar é, sem dúvida, o caminho da perfeição cristã, que implica a caridade, de tal modo que o amor ao próximo é uma mediação para Deus. E por isso a seguinte referência: «o Rei, o lavrador, o frade cartuxo, todos podem ser perfeitos se amarem a deus e ao próximo»<sup>24</sup>. Há, pois, que ter em atenção que são duas as vidas possíveis: a ativa e a contemplativa. Elas são diferentes e uns homens inclinam-se para uma, outros para a outra. Os ativos estão voltados para as «obras exteriores da vida humana»<sup>25</sup>, os contemplativos estão «inclinados para a contemplação da verdade»<sup>26</sup>.

Ao fazer esta distinção, o místico sente que tem de tomar partido e por isso diz-nos: «se me perguntarem qual destas duas vidas é melhor, digo que a contemplativa, falando absoluta e simplesmente»<sup>27</sup>. E aponta oito razões, segundo nos diz, de acordo com Aristóteles, para a formulação da superioridade da vida contemplativa<sup>28</sup>.

Mário Martins a propósito desta sua caracterização interroga-se, será isto a contemplação para Aristóteles? Sebastião Toscano, porém, embora aponte as razões que justificam a superioridade deste tipo de vida, reconhece que nem todos podem ir por ela. Em rigor esta não é uma via para todos. Em princípio, todos a podem seguir, mas é tão árdua que, de facto, nem todos, ou mesmo muito poucos a seguem. E o autor, em grelha platónico-agostiniana afirma,

---

<sup>20</sup> Cf. MT, f. 41.

<sup>21</sup> MT, f. 50.

<sup>22</sup> Cf. MT, f. 51.

<sup>23</sup> MT, f. 53.

<sup>24</sup> MT, f. 77.

<sup>25</sup> MT, f. 79.

<sup>26</sup> MT, f. 80.

<sup>27</sup> MT, f. 81.

<sup>28</sup> Cf. MT, f. 81-82.

acerca da contemplação: «havemos de sair deste corpo e de suas humanas e terrenas afeições, o qual é como uma cova escura, onde está sepultada nossa alma, para que melhor possamos ver a Deus»<sup>29</sup>.

O contemplativo é, com efeito, aquele que apenas usa as «coisas temporais» para o estritamente necessário, e é também aquele que faz esta experiência de contemplar Deus no silêncio. Mas esta mística e secreta teologia, que assinala uma perfeição interior, pressupõe a vida ativa, pois é necessário que o místico também saiba «viver com os homens»<sup>30</sup>. O contemplativo, porém, deve possuir algo que o distingue do ativo, a saber: ser singelo, puro, sem artes, sem negócios mundanos, sem astúcia e malícia, e para alcançar esta «simpreza» de alma há-de afastar de si toda a sensualidade, pois esta conduz ao pecado. Daí que a mortificação da carne seja necessária para a perfeição da alma.

O contemplativo, se seguir estes preceitos, vive na terra uma vida celeste. Mas, a experiência mística implica não só a mortificação dos sentidos, mas também a da razão<sup>31</sup>, de tal modo que pela vontade perfeita é possível «sentir» e «gostar» Deus, sem o saber dizer. Está-se no domínio das experiências marcadas pela indizibilidade e inefabilidade, em que, neste caso, a experiência da união da alma humana com Deus se expressa como «gosto», «suavidade» e gozo espiritual. Para se atingir este estágio, o nosso místico aponta os nove exercícios de perfeição, que conduzem à contemplação, ou seja, ao encontro com Deus, o qual é, simultaneamente, um encontro com a verdade<sup>32</sup>.

Assim, à maneira de uma escada que se sobe, primeiro temos: ouvir, ler, orar; em segundo: meditação, consideração, cogitação, especulação; em terceiro: contemplação e espanto; e em quarto: consumação da contemplação. Mais uma vez nos encontramos com São Tomás de Aquino. Mas, então, como adquire o homem esta sabedoria, qual o tipo de lição que está aqui implicada? A lição, segundo nos refere, não está apenas nos livros escritos, está também no livro escrito com o dedo de Deus, ou seja o mundo natural, numa clara referência a Hugo de São Vítor, está no livro abreviado que é o homem, está no livro escrito de dentro e de fora que é Jesus Cristo, e no livro próprio de cada um, quando somos verdadeiros<sup>33</sup>. Nestes livros há muita matéria para louvar a Deus, reconhecer a sua sabedoria e aprendermos a arte de bem viver.

---

<sup>29</sup> MT, f. 93.

<sup>30</sup> MT, f. 106.

<sup>31</sup> Cf. MT, f. 126.

<sup>32</sup> Cf. MT, f. 133-134.

<sup>33</sup> Cf. MT, f. 136.

No livro do mundo, iluminado com o sol, a lua e as estrelas, temos a lição do mundo natural<sup>34</sup>. No homem, como livro abreviado, temos a consideração deste como microcosmos, constituído pelos mesmos elementos do mundo natural, e sobre estes elementos está a razão como um «cheiro de luzentes estrelas», de tal modo que cada homem é uma «estrela deste livro do mundo»<sup>35</sup>. E o homem contemplativo, que participa desta realidade, é comparável a uma «vinha ou árvore na orla da igreja»<sup>36</sup>. Deste modo, o homem, como ser racional, dá flores de bons pensamentos, folhas de boas palavras e fruta de boas obras, para pôr na mesa de Deus<sup>37</sup>. No livro que é Cristo, o homem sábio e que segue a vida espiritual, acede à compreensão do homem exterior e interior, seguindo o exemplo de Cristo.

Como podemos verificar, esta referência ao livro, a diferentes níveis é muito interessante. Para os motivos de ordem naturalística temos a influência de Hugo de São Vítor, para a compreensão do espiritual no homem a fonte é Santo Agostinho. Sebastião Toscano apresenta-nos, deste modo, o seu itinerário de aperfeiçoamento espiritual, valorizando a vida contemplativa. Mas tem sempre a preocupação em chamar a atenção, uma vez mais, para o facto desta dever ser equilibrada com a vida ativa, de tal modo que o homem deve sempre ter tempo, quer para os exercícios espirituais, quer para os corporais, privilegiando, neste caso, as obras de carácter manual<sup>38</sup>. Mais uma vez, porém, emerge o seu cristocentrismo, muito marcado por uma espiritualidade ascética: a vida contemplativa é fundamental, os que a praticam podem ser um exemplo de perfeição, mas sobretudo há que pôr os olhos em Cristo, esse sim «viva traça e singular retracto da nossa vida». Jesus Cristo é, sem dúvida, o modelo para a nossa itinerância.

## Conclusão

A nossa intenção, ao tratar de um modo mais aprofundado esta obra, de carater místico, de Sebastião Toscano, foi a de dar mais um contributo para o conhecimento da tradição filosófico-teológica portuguesa. Estamos perante um religioso que se inscreve, com esta obra, como pudemos verificar, no movimento da Contra-Reforma. Mas, se tivermos em consideração a importância que os filósofos e os autores antigos, bem como Giovanni Pico della Mirandola, tinham

---

<sup>34</sup> Cf. MT, f. 137.

<sup>35</sup> MT, f. 143.

<sup>36</sup> MT, f. 143.

<sup>37</sup> Cf. MT, f. 143.

<sup>38</sup> Cf. MT, f. 146.

no seu pensamento, aquando do *elogio fúnebre sobre Afonso de Albuquerque*, temos de reconhecer que é possuidor de uma cultura renascentista sólida, que repensou e acabou por criticar, sem deixar de ser, efetivamente um homem do renascimento. De facto, para Sebastião Toscano não são os filósofos os modelos da perfeição aqui exibida. A verdade está, não na sabedoria profana, mas nesta experiência que, agostinianamente, refere: «eu te achei (Senhor) porque antes que buscasse cri»<sup>39</sup>. A tarefa do homem é, portanto, elevar-se até Deus e na «conversação com Deus» completar-se, aperfeiçoar-se e espiritualizar-se. Este o seu desígnio superior e que lhe abre o horizonte de uma perfeição a realizar, tendo como exemplo a vida de Jesus Cristo.

---

<sup>39</sup> MT, f. 151.